



Hélder Folgado
5 Abr/Apr–24 Mai/May 2025

Coisa Comum #1 (2019–2025)
Vídeo HD / HD video, 2'22", loop

Coisa Comum #2 (2025)
Dezoito chapas de chumbo laminado, sobrepostas
a chapas de inox polido / Eighteen sheets of laminated lead,
superimposed on sheets of polished stainless steel
Dimensões variáveis / Variable dimensions

Coisa Comum #3 (2025)
Pano cru embebido e destacado, sobre base de compósito
de cera de abelha, estearina e resina de damar / Raw cloth
soaked and detached, on a composite base of beeswax,
stearin and damar resin
70 × 100 cm

Coisa Comum #4 (2025)
Dezoito penas de asa de pombo-correio (*Columba livia
domestica*), embebidas em cera de abelha / Eighteen wing
feathers from a homing pigeon (*Columba livia domestica*),
soaked in beeswax
Dimensões variáveis / Variable dimensions

Coisa Comum (2025)
Risografias a 4 cores/ 4 ink risographs
Edição de 100 cópias, assinadas e numeradas / Edition of 100
copies, signed and numbered
282 x 211 mm, 191 x 211 mm, 139 x 211 mm
Co-edição com RAUM Editions / Co-edited with RAUM Editions

O devir-voou

“O mais difícil para um artista é fazer sempre a mesma coisa de forma diferente”. Com esta frase proferida numa conferência a que pude assistir, Francisco Tropa, alvitrava a ideia de que um autor não fará outra coisa que não perseguir uma recôndita e subtil unidade dentro da multiplicidade dos possíveis. Uma ideia-matriz propulsora de variações, contentora de configurações em potência que o movimento de transformação (leia-se experimentação) pode gerar a partir de si. Tempos mais tarde, tropecei numa frase de J. W. Goethe que produziu uma espécie de “dobra” sobre o dito de Tropa: “Se queres caminhar para o infinito anda para todos os lados do finito”. Não encontro melhor bitola para a proposta que Hélder Folgado apresenta neste “Coisa comum”, a não ser a ideia de que a procura da raiz das coisas encontra-se na pluralidade e em sucessivos encontros comuns – sempre incompletos e plurais; sempre transitórios e lacunares – conscientes de que a famigerada totalidade originária é fatalmente inalcançável. Um voo rasante sobre o trabalho pretérito de Folgado permite-nos compreender a sobrevivência de formas, ideias, perceções que nesta exposição reaparecem através dos quatro trabalhos propostos, constituindo-se enquanto diferentes “finitos” que apontam para uma mesma direção infinita: como habitamos os lugares onde estamos juntos? Como nos relacionamos? O que é o comum?

Ao arripio dos tempos que nos empurram para a vertigem da “rarefação dos lugares” (André Barata), onde tendemos a alienar a espessura histórica dos lugares e de quem os habita ou neles se habituam, Hélder Folgado propõe perfurar o lugar da sua origem motivado por um processo familiar de divisão de terras no contexto de uma herança familiar. Um gesto de arqueologia processual, aparentemente prosaico sobre modelos regimentais de organização do território e transmissão de heranças (neste caso particular, na ilha da Madeira) levou Folgado ao confronto mais profundo com as continuidades, ruturas e tensões que moldam identidades familiares, culturais e comunitárias e a uma perceção mais vasta do termo “território”, tantas vezes assético como falsamente neutro. Falar de território no contexto insular madeirense é dar conta de uma zona de permanente conflito com raízes medievais. Os contratos de exploração agrária, vulgo contratos de colónia, sustentaram desde o povoamento inicial do arquipélago (início do séc. XV) a proliferação hegemónica de estruturas de poder cristalizadas desde então, adquirindo contornos extraordinários entre os séc. XVII e XX, cujos efeitos práticos ainda persistem na atualidade impactando nas formas de existir e habitar a ilha. Os colonos, neste regime, apesar de terem acesso à terra para cultivo, viviam em condições económicas difíceis, muitas vezes com uma renda elevada paga com produtos agrícolas (geralmente 50% da colheita), que os mantinham num ciclo de pobreza e submissão, como se eles próprios fossem escravos da sua incapacidade de se libertarem de uma condição única de sobrevivência.

O filme “Colonia e vilões” realizado por Leonel Brito em 1977, dá-nos exemplarmente esta resenha da dominação classista de uma aristocracia ociosa sobre os colonos, examinando as desigualdades sociais, a pobreza e subalternização, inclusive os fenómenos

A Becoming-flight

de emigração forçada na vigência do Estado Novo. Na esteira do calor de Abril e com feições típicas de cinema militante-revolucionário que se caracteriza pela mistura de gêneros, como por exemplo o cruzamento do ensaio histórico/documental com o exercício de antropologia visual e sonora (são profusas as referências no filme ao folclore, desde músicas antigas a cantares populares e cantigas de amigo), o filme traça um retrato dramático de exploração humana que, surpreendentemente, chegou até aos nossos dias. Veja-se este excerto retirado de uma voz-off do filme:

“O caseiro era um animal doméstico, com um bocado de mais jeito que um qualquer outro animal, amarrado ao terreno, amarrado a uma palhota, ignorante, para trabalhar continuamente a favor do senhorio. (...) O caseiro estava atrelado à terra e era vendido, quase dado com a terra, ao senhorio”.

Numa entrevista ao Diário Popular a 15 de janeiro de 1977, o realizador recorda uma visita à ilha dez anos antes (1967) onde para além da injustiça social que testemunhava, descobria a força telúrica das mulheres: “Descobrimos, outras coisas que nos parece importante divulgar, como a forte participação da mulher em todos os movimentos (sociais, políticos) de libertação do homem. E não são jovens, mas de cinquenta, sessenta anos, analfabetas... Mulheres espantosas, com oito, nove filhos, marido emigrado, ou alcoólico: a responsabilidade dos miúdos, da casa, da lida diária, pertence-lhes, é delas. Foi o que mais admirei na Madeira”.

A película de Leonel de Brito é, para mim, chão comum desta exposição. Ambos, Leonel e Folgado, uma vez mais com “finitos” e compromissos distintos, aspiram a mesma coisa: suscitar uma potência.

Estou certo de que esta exposição não é sobre gravidade, pesos, amarras, trelas, mas sobre a hipótese da sua libertação. A potência da sua ausência. Não é sobre observar os pombos no caos violento da sua sobrevivência pelo alimento, mas sobre imaginarmos a possibilidade do voo livre. Um devir-voo que ajuda a captar a natureza das forças que se destacam das formas. O alvo de Folgado, é prolongar (não completar) o sentido incompleto, incompreensível das formas-forças que coloca em cena; é produzir na (in) consciência do espectador, tal como escreveu José Gil sobre Beuys, uma “contra-imagem”. Uma imagem segunda, invisível, que não procura uma significação, mas suscitar a potência de uma ação. Embora nos pareça contraditório, não tenhamos dúvidas de que quanto mais estranhamento produzirem os acontecimentos em cena (seja pela abstração ou hermetismo) mais a relação que o espectador pode estabelecer entre estas criações e a sua própria situação de vida (interior também) é clara e inteligível. De outra forma, estaríamos apenas e só no domínio da política.

Cada matéria usada nesta exposição – chumbo, aço inox, cera, rémige de pombo — é uma substância cujas forças escapam à perceção visível, mas que nos induzem uma vontade de ação, que começa, e não será pouco, por agir o pensamento.

Samuel Silva
Porto, 24 de Março, 2025

“The hardest thing for an artist is to do the same thing over and over again in a different way.” With this sentence, uttered at a conference I was able to attend, Francisco Tropa suggested that an author will never do anything other than pursue a hidden and subtle unity within the multiplicity of possibilities. A matrix idea capable of triggering variations, containing potential configurations that the movement of transformation (i.e., experimentation) can generate from itself. Later, I came across a sentence by J. W. Goethe that produced a kind of “fold” on the Tropa saying: “If in the infinite you want to stride, just walk in the finite to every side.” I can’t think of a better yardstick for the proposal that Hélder Folgado presents in “Coisa comum,” other than the idea that the search for the root of things is to be found in plurality and in successive common encounters - always incomplete and plural; always transitory and lacunary - aware that the vaunted original totality is fatally unattainable. A glance at Folgado’s past work allows us to understand the survival of forms, ideas, perceptions that reappear in this exhibition through the four works proposed, constituting themselves as different “finites” that point in the same infinite direction: how do we inhabit the places where we are together? How do we relate? What is the common?

At odds with the times that are pushing us towards the vertigo of the “rarefaction of places” (André Barata), where we tend to alienate the historical thickness of places and of those who inhabit them or become accustomed to them, Hélder Folgado proposes to perforate the place of his origin motivated by a family process of land division in the context of a family inheritance. A seemingly prosaic gesture of procedural archaeology on regimental models of territorial organization and the transmission of inheritance (in this case, on the island of Madeira) led Folgado to a deeper confrontation with the continuities, ruptures and tensions that shape family, cultural and community identities and to a broader perception of the concept of “territory,” too often aseptic and falsely neutral. To talk about territory in Madeira’s insular context is to reflect on a zone of permanent conflict with medieval roots. Since the initial settlement of the archipelago (at the beginning of the 15th century), agrarian exploitation contracts, known as colony contracts, have sustained the hegemonic proliferation of power structures that have crystallized since then, acquiring extraordinary contours between the 17th and 20th centuries, the practical effects of which persist today, impacting on the ways of existing and inhabiting the island. The settlers in this regime, despite having access to land for cultivation, lived under difficult economic conditions, often paying a high rent with agricultural products (usually 50% of the harvest), which kept them in a cycle of poverty and submission, as if they themselves were slaves to their inability to free themselves from a single condition of survival.

The film “Colonia e vilões” (Colony and Villains), directed by Leonel Brito in 1977, gives us an exemplary account of the class domination of an idle aristocracy over the settlers, examining social inequalities, poverty, and subordination, including the phenomena of forced emigration under the regime of the Estado Novo.

In the wake of the April heat and with typical elements of militant-revolutionary cinema characterized by a mixture of genres, such as the intersection of the historical/documentary essay with the exercise of visual and sound anthropology (the film's references to folklore are prolific, from old tunes to popular songs and cantigas de amigo), the film traces a dramatic portrait of human exploitation that, surprisingly, has reached the present day. Here's an excerpt from a voice-over in the movie:

“The caretaker was a domestic animal, with a bit more skill than any other animal, tied to the land, tied to a hut, ignorant, working continuously in favor of the landlord. (...) The caretaker was tied to the land and was sold, almost given with the land, to the landlord.”

In an interview to *Diário Popular* on January 15, 1977, the director recalls a visit to the island ten years earlier (1967) where, in addition to the social injustice he witnessed, he discovered the telluric strength of women: “We discovered other things that we think are important to report, such as the strong participation of women in all the (social and political) movements for the liberation of men. And not young women, but women in their fifties, sixties, illiterate... Amazing women, with eight, nine children, husbands who have emigrated or are alcoholics: the responsibility for the children, the house, the daily tasks, belongs to them, it's theirs. That's what I admired most about Madeira”.

Leonel de Brito's film is, for me, the common ground of this exhibition. Both Leonel and Folgado, once again with different “finites” and commitments, aspire to the same thing: to awaken a power.

I'm sure this exhibition isn't about gravity, weights, chains, and leashes, but about the possibility of their liberation. The power of their absence. It's not about observing pigeons in the violent chaos of their survival for food, but about imagining the possibility of free flight. A becoming-flight that helps to capture the nature of the forces that emerge from the forms. Folgado's aim is to extend (not complete) the incomplete, incomprehensible meaning of the force-forms he puts on stage; it is to produce in the spectator's (in)consciousness, as José Gil wrote about Beuys, a “counter-image.” A second, invisible image that doesn't seek meaning, but rather to arouse the power of an action. Although it may seem contradictory, we have no doubt that the more strangeness the events on stage produce (whether through abstraction or hermeticism), the more the relationship that the spectator can establish between these creations and his own (inner as well) life situation is clear and intelligible. Otherwise, we would merely be in the realm of politics.

Each material used in this exhibition - lead, stainless steel, wax, pigeon feathers - is a substance whose powers escape visible perception, but which induce in us a will to act, which begins, and in no small way, by triggering thought.

Samuel Silva
Porto, 24 March 2025

Conversa/Talk com/with Hélder Folgado

3 Maio/May 2025, 16:00
Entrada gratuita / Free admission

Actividade/Workshop com/with Janne Schröder

11 Maio/May 2025, 15:00
Participação gratuita / Free participation
Inscrições limitadas / Limited capacity
publicos@sismografo.org

Mais informações em breve / More information soon

HÉLDER FOLGADO (Madeira, 1963) vive e trabalha no Funchal. A sua prática artística tem-se centrado na geografia humana e nos mecanismos de transmissão cultural, com especial atenção às relações entre território, identidade e memória coletiva. Explora e combina diferentes meios expressivos em estreita relação com as especificidades dos espaços e das comunidades, mantendo um compromisso constante com a arte como plataforma de mediação social e política. Para além da sua prática artística, é diretor artístico da Capela da Boa Viagem, no Funchal, onde promove a apresentação de obras de outros artistas, ampliando o diálogo entre diferentes perspectivas das práticas artísticas contemporâneas.

HÉLDER FOLGADO (Madeira, 1963) lives and works in Funchal. His practice has centered around human geography and the mechanisms of cultural transmission, with special focus on the relationships between territory, identity, and collective memory. He explores and combines different expressive media in close relation to the specificities of spaces and communities, maintaining a constant commitment to art as a platform for social and political mediation. In addition to his artistic practice, he is the artistic director at Capela da Boa Viagem, in Funchal, where he promotes the presentation of works by other artists, broadening the dialogue between different perspectives about contemporary artistic practices.



Região Autónoma
da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
de Economia, Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

A equipa do Sismógrafo é composta por /
Sismógrafo's team is composed by:
Emídio Agra, Susana Camanho, Dário Cannatà,
Leticia Costelha, Carolina Figueiro, Pedro Huet,
Maria João Macedo, Hernâni Reis Baptista,
Rita Senra e/and João Pedro Trindade

Texto/Text: Samuel Silva
Tradução e edição / Translation
and copy-editing: Susana Camanho
Produção/Production: Carolina Figueiro,
Pedro Huet, Rita Senra
Montagem/Assembly: Pedro Tavares
Design: Macedo Cannatà
Programa Público: Leticia Costelha
Cartaz/Poster: Raum Editions
Agradecimentos/Aknowledgments:
João Almeida, Duarte Ferreira, António Dantas,
Maurício Pestana Reis e/and Cecília Vieira
de Freitas, Catarina Vilaça, Bruno Capucho

Apoio à exposição / Support to the exhibition:



dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

Apoio Criatório
Porto.

rpac
Rede Portuguesa
de Apoio Criatório



CIN

Artworks